

A SEMANA

CORTE
 Trimestre..... 2\$000
 Semestre 4\$000
 Anno 8\$000

PROVINCIAS
 Semestre 4\$000
 Anno 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

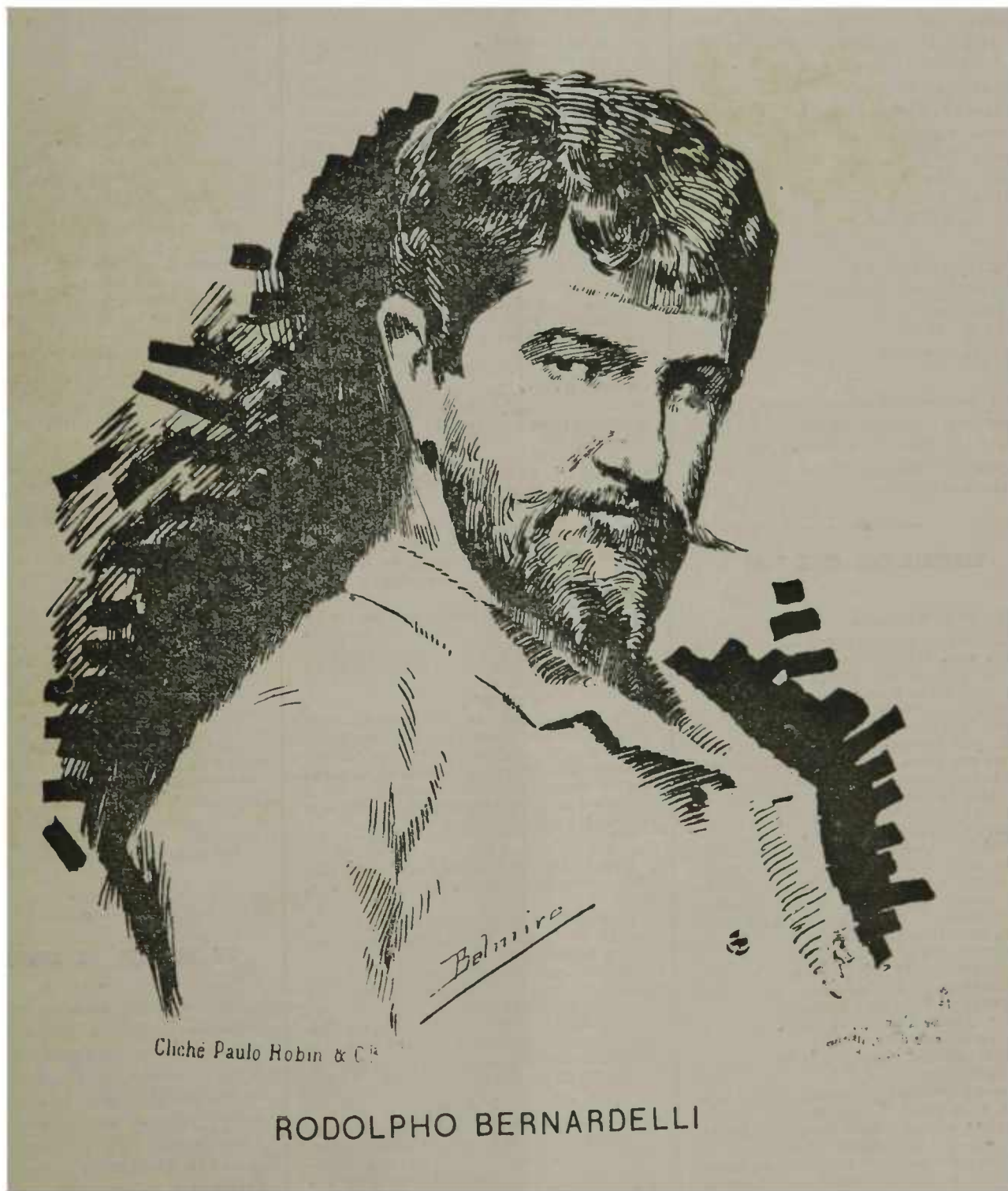
Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.



SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Um retrato de Bernardelli	F. A.
Politica e politicos.....	ORVC.
As nossas casas.....	JULIA LOPES.
O conselheiro Canto.....	DR. G. FILHO.
Sonetos a premio.....	F. DE SERPA.
Vida nova, poesia.....	F. D'ALMEIDA.
Na Aguia de Ouro.....	C. C. BRANCO.
Os nossos livros.....	M. VALENTE.
A V. Hugo, soneto.....	A. LOBO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. THALMA.
Factos e noticias.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 28 de Novembro de 1885.

Daremos no proximo numero um trecho do admiravel poemeto de Luiz Del-fino — *Christo e a Adultera*, a mais recente produção do nosso genial poeta.

A luta prometheana do grande escul-por com o marmore, de que arrancou aquelle prodigio, é descripta nessa pagina com inspiração e versos dignos de V. Hugo. E' um presente regio, este que *A Semana* vae fazer aos seus leitores.

Por nos ter chegado ás mãos dema-siado tarde, somente no sabbado proxi-mo poderemos publicar um artigo de Lucio de Mendonça, intitulado: «O Sr. Enéas das *Miragens*—Convite e resposta.»

Por falta de espaço deixamos de pu-blicar neste numero as secções *Tratos á bola*, *Vida elegante*, *Conselhos saluta-res*, um artigo sobre Aurelio de Figueiredo e outros trabalhos.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 28 de Novembro de 1885.

Não sei se a *historia* me sahirá triste d'esta vez. Eu confesso que estou ra-diante de alegria, porque na semana que hoje finda tive a maior satisfação e gosei a mais extraordinaria ventura da minha vida. Imagine-se um namorado roido por intensissima paixão, no mo-mento em que a dona do seu peito, abai-xando pudicamente os olhos tentadores, lhe declara corresponder ao seu affecto e lhe alimenta com doces palavras os sonhos e as esperanças do futuro.

Pois foi o que se passou nesta semana, entre mim, pobre mortal abandonado da sorte, e o sempre adorado objecto dos meus amores—o incomparavel e monstruoso José do Egypto! Este chro-nista illustre, que em tantos dias me-moraveis levou a risada homérica ao seo consternado das familias do Sacco, por intermedio d'esta folha,—este diabo adoravel de José do Egypto, prometteu encarregar-se d'ora avante de escrever a *historia dos sete dias*.

Esta inesperada felicidade embebe-dou-me de prazer.

O *sim* que elle respondeu á minha sup-plica, essa palavra magica desprendida dos seus labios cor de rosa, teve sobre mim o poder de obscurecer a luz do sol, e de me entremostrear no proximo hori-sonte da minha vida uma nova estrella guiadora, no centro da qual aquellas tres letras fulguram com a intensidade de tres esplendidos sóes!

Esta é, pois, a ultima *historia* que eu traço nestas columnas, das quaes me-despeço com lagrymas... de contenta-mento.

A noticia que maior ruido fez na se-mana foi a da morte do Rei Affonso XII, de Hespanha.

Esta nova foi espalhada na noite de 25 em numerosos boletins pelo excel-lente *Diario de Noticias*, que a recebeu, por telegramma, do seu correspondente da Europa.

Não é de corações generosos tripudiar sobre uma campã ainda mal cerrada, embora o corpo que ella cobre seja o de um rei, entidade que pertence exclusi-vamente á Historia; mas quando o morto forneceu durante a vida, aos adversarios dos seus principios, armas contra si proprio, deve ser relevada a emmissão do juizo imparcial e recto dos contemporaneos sobre a individualidade que pelo acaso da sorte teve um papel saliente no grande palco da civilisação.

Melhor do que nós poderíamos dizer do rei morto, disse a *Gazeta da Tarde* em um brilhantissimo artigo no dia 26.

Transcrevemos os seguintes tópicos que synthetizam, com relação aos reis como Affonso, o pensamento social mo-derno:

«Promettendo ao seu protector pa-gar-lhe os serviços pessoases pela satisfa-ção da sua voracidade de territorio, Affonso é o responsavel pela pendencia das ilhas Carolinas, que já teria custado á Hespanha mais uma dolorosa humi-lhação, se a dignidade dos povos não fosse correctivo á torpeza dos reis.»

«O que estará por detraz d'este tu-mulo maldito? A raposa do norte escon-deu-se por debaixo do leito prostituido de Isabel II para dar o primeiro bote assassino contra a aguia franceza, amarrada á cauda do vestido de Eugenia.»

«Congratulemo-nos, os amigos da de-mocracia, e façamos votos para que o epitaphio de Affonso XII seja assim escripto:

«Aqui jaz o filho de Isabel II e com elle a monarchia hespanhola.»

De facto um telegramma de Buenos-Ayres, annuncia a proclamação da re-publica na Hespanha.

Oxalá que esse telegramma seja a in-teira expressão da verdade. Poderemos então congratular-nos sinceramente com a patria gloriosa e desgraçada do Cid e de Pelayo.

Os directores da companhia *Inte-gridade* foram obrigados por sentença judicial, a entrar para os cofres d'aquella companhia com a somma de 306 contos de reis.

Honra ao integro juiz que determinou se intêgre a Integridade.

Depois dos grandes escandalos do ma-tadouro estão-se dando as grandes demor-dens.

O subdelegado de Santa Cruz pôz-se a gritar de lá que lhe mandassem soc-corro, porque havia chinfrim.

Solicito, o Sr. Chefe, agitou o seu glo-rioso cavaignac e remetteu-lhe 20 praças com o 1º delegado á frente.

Foi uma victoria estrondosa. Os des-ordeiros debandaram e a força voltou a quartéis cada vez mais aguerrida e forte. Honra ao pavilhão auri-verde.

Eu poderia ainda escrever de uma ma-nifestação terrivel que soffreu o Dr. Monteiro de Azevedo por parte do Hos-pital do Carmo, manifestação cujo re-trato o *Jornal*, na sua noticia de 26, re-cusou declarar que fosse a oleo; poderia tratar do caso da remessa de menores livres para as fazendas do interior, re-

messa que é uma vergonha para os Srs. juizes de orphãos; poderia rir-me com o leitor da figura que os enviados do Brazil fizeram no tribunal arbitral do Chile, caso muito bem commentado em excellentes artigos do *Paiz*; poderia des-crever a magnifica festa que se realizou no dia 23 no Lyceo de Artes e Officios; poderia e deveria tratar d'estes e de outros assumptos, mas tenho pressa de acabar esta ultima chronica e torço que dar ainda dois dedos de prosa á *Gazeta de Noticias*.

Perguntou a *Gazeta* qual a razão do nosso entranhado odio ao *cavaignac* e ás *péras*. E' difficil a resposta. Dir-lhe-emos, todavia, que é uma questão de esthetica—o nosso odio áquelles appendices ca-prinos que o supremo mau gosto pen-dura aos queixos, é ingenuo, mas ro-bustecido pela educação do espirito e pelas suggestões do bello abstracto da arte em geral.

Deus, diz o pentateuco, fez o homem á sua imagem. Ora o apocalypticó Jeho-vah, a respeito de belleza physica já não era lá para que digamos... O homem, porém, achando-se ainda pouco feio e pouco desengraçado, inventou a navalha e começou de arar a herva que a Natu-reza prodiga lhe fez rebentar pelo rosto; e de feitio em feitio chegou á abjecção, á ignominia do bigode e péra!

Este facto, nullo á primeira vista, é de uma grande importancia para as in-ducções da antropologia moderna: elle vem provar com mais um argumento solido a theoria de Darwin; o instincto de imitação levou o homem a parodiar o bóde!

Estas e muitas outras razões é que nos levam a odiar o *cavaignac*. Não temos tempo para uma dissertação, e fallece-mos tambem o espaço.

Além de que o leitor tem mais que fazer e eu tambem.

Não se misque porém a *Gazeta*, de- pois d'esta explicação sem que aperte-mos contra o nosso magro peito o seu farto abdomen num cordealissimo abraço de agradecimento. Cá recebe-mos, os seis espirituosos contos com que se dignou de concorrer ao certamen de prosa por nós instituido. Permittirá, porem, a amabilissima collega que os excluamos do julgamento, pois que para entrar neste é condição indispen-savel a ignorancia absoluta, por parte dos juizes, da procedencia dos trabalhos a julgar.

Isto, contudo, longe está de ser uma razão para que lhe não agradeçamos, mais uma vez,—a generosa e rutilante *reclame* com que nos honrou, domingo passado, a sua bondade.

Não ha, decididamente, como ter amigos.

Até sempre!

FILINDAL.

UM RETRATO DE BERNARDELLI

Damos neste numero um bello re-trato de Rodolpho Bernardelli, dese-nhado á penna pelo nosso collaborador Belmiro de Almeida, um rapaz de muito talento, que, se ainda lhe falta muito para attingir na sua difficil arte a inteira correcção dos mestres, revella contudo qualidades exceptionaes, que raramente se encontram nos alumnos da nossa pobre Academia de Bellas-Artes.

A' primeira vista, este novo trabalho

de Belmiro de Almeida pôde parecer incompleto e mesmo mal acabado.

Isto resulta da *maneira de ver*. Em geral o nosso publico não sabe *ver* uma obra de arte, desde que ella não tenha o cunho de vulgaridade, desde que na sua execução o artista se haja rebellado contra os processos consagrados pela rotina e pela deficiencia de espirito creador e innovador que tão notavelmente distingue os nossos artistas. Havendo um pouco de novidade em um quadro, desde que o artista procure ser original, ou procure apenas seguir uma corrente nova de idéas ou de suggestões artisticas, desde que elle possua uma estranha nota individual, quo separe os seus trabalhos do estalão commum a todos os outros emanados dos processos officiaes e academicos, o publico perturba-se, espanta-se, não comprehende, e induz, sem mais demora de exame, que a obra é má.

A nossa critica artistica não tem dirigido para este importante ponto as suas vistas, que, valha a verdade, são bastante curtas; divagando pelas simples apreciações abstractas, elogia a torto e a direito, quando lhe parece, e lá uma vez ou outra deprime tambem obras dignas de animação.

Num paiz cujo ambiente artistico é quasi inteiramente nullo, o povo não tem onde educar o seu gosto, e compraz-se com detestaveis oleographias para a satisfação do seu ideal de pintura. E necessario, pois, que a critica, quando aventar o estudo, embora rápido, de um trabalho d'arte, ensine, ainda que disfarçadamente, a *ver* esse trabalho; procure apanhar as bellezas que devem escapar á incompetencia do espectador vulgar e as faça resaltar com a possível evidencia, tentando convencer o leitor de que são boas e apreciaveis qualidades aquillo que elle julgon! defeitos.

Assim, áquelles dos nossos leitores a quem não pareça bom o retrato que hoje estampamos na nossa primeira pagina, recomendamos-lhes que reparem na maneira pouco vulgar por que está executado esse trabalho; que elles vejam quo ali não ha o contorne feito a linhas puras, cortado abruptamente no fundo. O busto destaca-se poderosamente da sombra, onde se esbatem levemente as suas extremidades; não é um retrato vulgar, com todo o sombreado lambido e arredondado; as meias tintas são apenas indicadas a traços rapidos e o tom branco do busto contrasta com o carregado energico do fundo.

Não sabemos se a phototypia reproduzirá com fidelidade e sem alteração o original. Este, porém, podemos assegurar sem o minimo receio que é um trabalho que faz honra ao auctor, pela novidade da maneira e pela largueza da execução.

Parabens a Belmiro de Almeida.

F. A.

POLITICA E POLITICOS

« Canta, deusa, a colera de Achilles, filho de Pelen, colera fatal, que derramou desgraças sobre os gregos, precipitou no antro plutonico as almas viris de multidão de heróes, e deu seus corpos em pasto aos cães e ás carnicieiras aves. »

(Illiada.—Canto I.)

... Saracoteiem notas offenbachicas, entre-choquem-se espondylos, tilintem campainhas, em *ouverture* á parodia do lance homerico :

As hostes conservadoras d'este Baixo Imperio, bipartem-se, ao dizer de muitos, pois um dos maiores chefes sente a colera agitar-lhe o espirito, pois no cerebro de um pontifice a raiva convulsiona a idéa.

Ao chefe dos guerreiros de longos cabellos, tiraram estremecida amante, e a tão formosa Briseis nem mais amor, nem beijos lhe dará.

Aqui, onde a acção humana despe altanerias tragicas, onde o odio em raiva se transmuda, foi motivo do schisma a demissão de um delegado e sobrinho.

Irreverencia atroz! Ceifar altas papoulas á maneira do Soberbo! Ferir grey de levitas!

E vae pela cidade um ferver de conjecturas, um bulicio, um vozear, qual se se avisinhasse irremediavel desgraça.

Aqui, auguram longos tempos de melhoria, reforma no culto. Sorriem adeante os scepticos, e apontam, a doudejar pelas ruas, um coupé de chefe, vasio e triste, á espera de locatario novo.

Caricaturistas, em maré de boa chalaça, preparam paginas com enquadramento chinez, contendo um mandarim de terceira classe, despedido, levando em pós si carapinhas de africanos, trunfas de crioulas, esfarrapados meninos de volta das senzalas, navalhas abertas, e recua de corynthianas a preço modico, levadas por um deportado arrastando um decreto *rôto*.

O que provirá d'essa colera citada em boletins, e transmittida pelo telegrapho? Jupiter vae agitar as aguas, arrasar montanhas, e em commoções, em furias, trazer os pendões da *gente ordeira*, ou Minerva virá a tempo, segundo narra Homero, segurar pelos cabellos o encolerizado Achilles?...

Complicação de tal jaez, em vesperas de combate eleitoral, não é pequeno trambolho para um governo nascido de pouco, e sem o tempo completo.

Não deve porém trazer pasmo esse tão falado schisma.

A dissidencia de 71 não desapareceu e ali mostra o seu rancôr. E o governo actual é um ensaio de *modus vivendi* de orthodoxos e schismaticos.

O espirito atrasado, a carencia de ideal politico dos antigos inimigos de Rio Branco, ha de ser alfim substituido pelo grupo dos que pretendem alguma cousa.

O ventre da escrava foi o motivo da separação, e d'esse tempo até hoje nem cessou o rancôr, nem baixou o marulho da inveja e da intriga.

Unidos para o governo, pôde-se dizer que brigam os do mesmo bairro, e assim, talvez Frei Antonio recont e com justesa, a anecdota:—«Paz entre amigos.»

ORYC.

AS NOSSAS CASAS

OS POBRES

Nenhum assumpto pode ser mais proprio para a penna de uma mulher, embora ella seja como o é a minha, rude e inutil, do que este que escolhi hoje— a pobreza.

A nossa organização impressionavel, sentimental, nervosa, faz-nos estremecer de piedade diante d'esse fundo escuro do quadro social, triste oceano de lagrymas onde ha tantos naufragos sem taboa!

Ai, minhas amigas, eu bem sei que muitas de entre vos adivinham muitas vezes até a mais amarga das pobresas, a que dissimula, que esconde uma lagryma num sorriso, um soluço num canto, e a que valem sollicitas afastando ao mesmo tempo toda a lamentação que humilha e que o natural orgulho não comporta!

Essas, hão de sentir um prazer magico, indefinivel, soccorrendo uma classe infeliz, que se occulta aos olhos estranhos, porque sabe que se aprofundaria ainda mais se transparecesse lá fóra.

O contacto dos pobres envergonha os ricos, como se pelas leis christãs não estivessem invertidos os papeis!

Não é meu intento fallar agora de preconceitos sociaes; o meu fito limita-se puramente a apontar nma das missões mais bellas que a mulher exerce— a caridade.

E' rara a senhora que não tem os seus pobres. Este velhinho aleijado, de olhar amortecido e longas barbas brancas, sabe que a uma porta jamais bateu de balde, elle ali vé sempre agradecido a mãosinha mimosa de uma menina que vem sorrindo bondosa lá de dentro, trazer-lhe, cheia de carinho, a esmola, que já nem pede! O perfume suave d'essa alma infantil inunda-o de consolo e elle a bemdiz!...

As mães devem sempre dar a esmola pelas mãos das filhas; fazendo-as comprehender dores alheias, respeitar a velhice, ser afaveis para com os inferiores, formando-lhes assim no coração uma fonte de inesgotavel doçura. Devem ter sempre em mente esta duvida apoquentadora: que lhes reservará o futuro?—e preparal-as para tudo, com o meio mais eficaz para exercitar o coração no bem—que é fazel-o caritativo.

A proposito, lembra-me esta scena singela que me ficou gravada na memoria:

Um dia, a Sra. L. chamou a sua Julieta e disse:

— Meu amor, está ahí um pobresinho; que devemos fazer?

— Dar-lhe uma esmola.

— Mas teu pae levou todas as chaves, e não tenho nada!...

— Procure bem... Ah! já sei! os seus brincos!

— Oh! meu anjo, replicou rindo a Sra. L. mas com que fico eu?

— Commigo, respondeu ingenuamente a pequenita.

— Não ha joia que se te compare, mas não te posso usar nas orelhas, bem vés. Depois, estes brincos foram-me dados por tua avó... Procura mais...

E a pequenita, toda entristecida, respondeu:

— Não sei!...

— Vae então dizer que tenha paciencia...

— Isso não... tenho dô... coitadinho...

Depois, voltando-se a uma idea subita, correu para o interior. Tornou um momento depois, risonha, triumphante, mostrando á mãe uma moêda segura na ponta dos seus dedinhos roseos.

Fui pedil-a ao creado—murmurou ella ao passar rapidamente pela mãe, que a

vio sumir-se como um raio de luz na sombria obscuridade do longo corredor.

Essas scenas vulgares demonstram clara, nitidamente o fundo do coração de quem as executa. Um riso, uma lagryma, um movimento impellido pela acção do momento, diz tudo, principalmente nessa idade em que a alma desabrocha toda orvalhada do ceu, sem affectada meiguice, nem fingida bondade.

A Sra. L. tirára uma brilhante prova da sua Julieta e estava contente.

Podéra não!

Imaginemos agora que uma infeliz viuva, gasta pelos trabalhos, canceiras da vida e fatalidaes de uma sorte má, recebe todas as semanas das nossas economias de meninas solteiras um peculio que, embora mesquinho, a faz, pela boa vontade com que é dado, extremamente agradecida. Essa pobre, é uma velha, uma ruina; tudo nella inspira compaixão e inspira respeito. Acostumamo-nos a vel-a á nossa porta, a darmos-lhe almoço, ou um chale, uma tigella de caldo ou uma saia usala; mesmo cousas que não nos fazem falta absolutamente.

Ella affeição-se á gente, aquillo vai assim a pouco e pouco e, sem se saber como, criamos-lhe amizade tambem.

Passam-se semanas, mezes e annos, e um dia, em que o nosso pensamento estiver todo absorvido n'uma felicidade intensa, quando sentirmos o coração palpar jubiloso sob a alvura nitente do traje de noivalo, não será então doce ver-se, através do veu que nos cobre sobre a face, o vulto engelhado e tremulo d'essa boa velhinha, a nossa protegida, que nos vem abençoar e dar os parabens antes de nos ajoelharmos aos pés do altar?

Ella virá trazer-nos um raminho de flores mal amanhadas, e a boa recordação de quesomos dignas da ventura que possuímos.

E' quanto basta.

E' tão bom concorrer a gente para alliviar um pouco da muita miseria que vai por esse mundo!

No Brazil a pobreza não apresenta, como na Europa, por exemplo, os mesmos quadros lugubres.

Lá, nas grandes capitães, onde ha accumuladas fortunas colossaes e um luxo scintillante e esplenoroso, a miseria é maior.

Tem o seu inverno gelido e a mesquinhez de salario que os acabrunha e mata; aqui, na terra da primavera eterna, so e verdadeiramente digno de lastima o que não tiver um pouco de forcas que o habilitem a lutar pela vida.

Feliz do que pode vencer a incruentapobreza; infeliz do que se deixa abater por ella! Em todo o caso, gloria aos vencedores, e amor aos vencidos.

JULIA LOPES.

O CONSELHEIRO CANTO

O fallecimento do conselheiro Dr. Francisco José do Canto e Mello Castro Mascarenhas causou-me o mais sincero pesar, e creio, que de igual consternação devem ter-se amargurado todos, que com elle privaram.

Fui sempre um dos seus mais convencidos admiradores, e só hoje, que por elle não posso ser infelizmente ouvido, cabe-me o triste ensejo de fundamentar essa mesma admiração.

Falou-ei em poucas palavras:—na

convivencia dos homens, não sei que nenhum se haja imposto a meus olhos, como mais estimavel.

Bem estudado, bem confrontado, bem esmerilhado em todos os seus actos, o conselheiro Canto, hora por hora, mez por mez, anno por anno, em vez de decahir, ascendia no coração e no conceito dos observadores os mais severos.

Ter-lhe-ia sido facilissimo transpor as elevadas posições politicas ou deslumbrar entre os chamados vultos scientificos. Preferiu confraternisar-se, ir apurando progressivamente sua bondade, seu exemplo, sua honra, sua perseverança, seu conselho, seu finissimo bom senso no meio da sociedade, que passa agora a devidamente aquilatar-lhe a verdadeira falta.

Como bibliothecario particular de S. M. o Imperador dispoz dos melhores livros, dos mais importantes jornaes e revistas, e com sua habitual applicação conseguiu accumular profundos conhecimentos, não só da cadeira de physica, que durante trinta annos dignamente regeu na Faculdade de Medicina, como tambem de todos os ramos das sciencias medicas e das lettras em geral.

Era de uma conversação instructiva, leal, agradabilissima; de uma sensibilidade e de uma intelligencia superiores, absorventes, agasalhadoras de tudo que ha de grande, de justo e de bello. Com o mais consciencioso regalo assimillava uma opera, um quadro, uma estatua, um profundo discurso, uma inspirada poesia, as ultimas e fecundas descobertas scientificas.

Acato a honra de ter sido seu discipulo e muito seu amigo; curvo-me, saudosissimo, ante seu tumulo, e dar-me-ei por consolado, se todos se competrarem de que estas linhas, longe de serem favorecidas por individual affecto, sintillam o merecimento photographico da mais escrupulosa justiça.

DR. GONZAGA FILHO.

SONETOS A PREMIO

Meu caro Valentim.—Para as delicias que eu hei de levar d'este planeta quando á dura parca approuver arrebatarme para os outros, contribuo efficacissimamente a *Gazeta de Campinas* de 10 do corrente.

Sabendo nós todos que o poeta Carlos Ferreira é o redactor chefe d'aquelle jornal, comprehenderemos facilmente o enthusiasmo que tem a folha campineira pelas produções do seu vate.

Isso é razoavel e desculpavel.

Mas levar esse enthusiasmo até o ponto de pretender fazer do bardo das «Rosas Loucas» o *primus inter pares* da poesia brasileira, é o que me parece, pelo menos—ridiculo.

Pois foi o que fez a *Gazeta de Campinas* com relação ao torneio de sonetos a Victor Hugo, aberto pela *Semana*, que tu tão criteriosamente diriges.

D. Adelina Vieira, Machado de Assis e Lucio de Mendonça, juizes nomeados

pela *Semana*, dos 45 sonetos que este jornal lhes apresentou, julgaram meliores, e dignos consequentemente dos tres premios promettidos, os dos Srs. M. V., Soares de Souza Junior e Alberto de Oliveira.

Que fez a *Gazeta de Campinas*? Pegou dos tres sonetos premiados, juntou-lhes o de Carlos Ferreira, que tambem concorrera ao torneio, e estampou-os no seu numero de 10, precedidos do seguinte cavaco:

«A *Semana*, jornal litterario que se publica na corte trouxe, em seu numero de ante-hontem, o resultado do torneio intitulado—Sonetos a premio, ha pouco tempo proposto pelo chefe daquella folha.

«Damos abaixo os tres sonetos que foram escolhidos pelos tres julgadores nomeados pela redacção da *Semana*, e tambem damos o de Carlos Ferreira que foi um dos concorrentes ao torneio.

«Como em questão de poesia os gostos variam muito, é possível que o publico queira por sua vez ser tambem juiz nesta materia.»

O italico das ultimas linhas é meu.

Depois d'esse periodo, pergunto-te, meu caro Valentim, se já viste prova de mais balofo e de mais chato orgulho, na tua vida de jornalista. A fatuidade, no que ella pôde ter de mais estulto, está ali flagrantemente representada. O facto de publicar com os outros tres o soneto proprio, chega a parecer impudencia, se lemos com attenção a bella obra que se pretende, com tamanha audacia, impingir ao publico ingenuo.

Vamos lá transcrever e analysar esta preciosidade, bem digna da maluquice das rosas:

De estranha e intensa luz nuns turbilhões incertos,
Gloriosa a fronte envolta em osculos vehementes,
Hugo surgio além, em convulsões candentes
Nos abysmos do azul a grande luz abertos...
Entrou!... Ao vel-o assim enorme, audaz, cobertos
Os cabellos de soes,—aureolas refulgentes—
O eterno sol abriu as palpebras trementes
E encheu de immenso assombro os sideraes desertos!
«Gloria! Gloria!» exclamou, e em extasis recuando
Foi n'um febril assomo ás pressas despertando
As nullidões sem fim dos orbes do infinito!
Grupam-se em torno ao Deus os mundos e as auroras,
O ceo desfaz-se todo em musicas sonoras,
—«Hosana!» bravia o sol, n'um formidavel grito!...»

Temos Hugo nuns turbilhões incertos de luz estranha e intensa, com a fronte gloriosa envolta em osculos vehementes, surgindo além em convulsões candentes, nos abysmos do azul abertos á grande luz.

Deixando passar pela rede do senso commum as convulsões candentes, Hugo surge nos taes turbilhões; mas Hugo, sempre revolucionario, para surgir de uma maneira original e nova, substitue a coroa de louros com que os outros immortaes enramavam as fronteas, por uma outra de osculos... vehementes!

Depois de surgir nos abysmos de luz, que fez o grande Mestre?

Entrou!...

No momento de entrar, talvez com o auxilio do machinista do Heller, a coroa de osculos transforma-se em cara-

puça de sóes e cobre-lhe os cabellos; neste ponto o poeta diz que os sóes são —aureolas refulgentes. Ao ver isto tudo, o eterno Sol, o outro, o que nos allumia, abriu as palpebras trementes e encheu de assombro immenso os desertos sideraes; depois, *recuando em extasis*, poz-se a gritar: — « Gloria! Gloria! » e, n'um assomo febril, foi despertando, ás pressas, — porque tinha muito que fazer, — as multidões sem fim dos orbes do infinito.

Depois gruparam-se em torno ao Deus os mundos e as auroras, o céu desfez-se todo em musicas — das sonoras — e o Sol, o tal, já rouco, num formidável grito, *bradou*: Hosana!»

Eis a astronomica trapalhada, que, num prodigio de gymnastica metrica, o bardo conseguiu metter em quatorze alexandrinos.

Nem vislumbre de idéa, nem sombra de criterio poetico, nem pada de senso commum.

Um sol a gritar por ver outros collegas cobrindo cabellos humanos, uma fronte envolta em beijos vehementes, abysmos de luz, convulsões candentes, céu desfeito em musicas, turbilhões incertos — e tolices certas.

Prompto o soneto. Mas os juizes recusam-lhe o primeiro premio? Os juizes que esperem! o bardo appella para o juizo do publico, e agora é que se vae ver quem tem sonetos vazios para vender!

Tu sabes, meu Valentim, que eu nesta questão sou insuspeito. Também concorri com um triste soneto, e não tive a honra de abiscoitar nem ao menos o 3º premio. E nota que, desde que Victor Hugo morreu, eu passei a considerar-me o primeiro poeta do século; isto muito antes do Sr. Carlos Ferreira, porque, quando se recebeu o telegrama que annunciava a catastrophe, eu estava ali na corte e passei pelo escriptorio da *Semana*, no momento em que tu e o Filinto cobrieis as janellas de crepe.

E como isto de ser primeiro poeta é mais uma questão de chronologia do que de critica, o primeiro poeta não pode ser o Sr. Ferreira; o primeiro poeta sou eu, porque assim me considerei muitas horas antes d'elle.

Tive idea de fazer também ao Mestre um soneto do genero rosalouca, mas depois pareceu-me que seria estopada e não o fiz.

Todavia, como já tinha muito material reunido, vou communicar-te a minha idéa:

Tomam-se doze bicos de estrellas (das de 1ª grandeza, se fór possível) e espetam-se em uma laranja selecta; depois tira-se um dos bicos, e pelo furo que elle deixar, despejam-se para dentro da laranja dois litros de luz coada, uma mancheia de cascãs de nozes e um calice de hydromel; feito isto, pega-se da laranja e atira-se com ella as ventãs da ursa maior; depois, agarra-se na ursa com a laranja e tudo e amarra-se-lhe ao pescoço uma tira azul do céu; cortam-se as duas palpebras do sol e fazem-se com ellas uns oculos para a ursa, a qual já deve ter na cabeça um chapéu alto; em seguida prende-se-lhe á cauda o cruzado do sul; trituram-se dez astros e com o luminoso pó resultante polvilha-se-lhe o pello; brande-se depois o arco iris e ferram-se-lhe tres chicotadas no lombo; se ella disparar furiosamente pelo infinito a fóra, ata-se-lhe um rabo-leva de beijos indolentes e é deixal-a ir até os confins do supremo disparate.

Se achares boa a idéa, podes remetel-a ao Carlos Ferreira.

Maxambomba, 18 de Novembro, de 85.

Teu sempre fidus

FRANCISCO DE SERPA.

VIDA NOVA

*Lorsque de mes douleurs tu chassas le nuage,
Je compris qu'à ton sort mon sort devait s'unir.*

V. HUGO

Jouve em meu peito, inda ha bem pouco,
Uma paixão ardente e brava,
D'estas que um homem tornam louco,
D'estas que tornam a alma escrava.

Ella jazia adormecida,
Braza debaixo de um cinzeiro,
Que quando a cinza é revolvida
Nos mostra um rubido luzeiro.

Ardera outr'ora em labaredas,
Tisnãra todos os meus sonhos,
E as minhas illusões mais ledas
Trocara em pelagos medonhos.

Os meus ideaes em cinzas postos
Todos levava a aza do vento;
Ruira ao pezo dos desgostos
Do meu futuro o monumento.

E sempre a braza no meu peito
A arder, a arder constantemente,
E o rosto em lagrymas desfeito
E o coração queimado e doente!

Mas vi-te um dia, e logo o fogo,
A braza ardente que eu trazia
Se me apagou no peito, e logo
Me renasceu toda a alegria!

Logo os meus sonhos me voltaram,
Como erradias andorinhas,
E os meus ideaes a mim tornaram
E as illusões e as crenças miuhas.

Do meu porvir o trilho escuro
Illuminou-se por encanto,
A' luz do teu olhar tão puro,
A' luz do teu olhar tão santo!

Agora a estrada que eu diviso,
De rosas toda alcatifada,
Doira-m'a o sol do teu sorriso
Numa perpetua madrugada.

Tua pureza e angelitude
Purificaram minha vida;
Restituiste-me a saude
Da alma, que eu tinha combalida.

Sim; que a pureza sanctifica:
E' como o sol, que tudo inunda,
Que a lama sécca e purifica
E d'ella faz terra fecunda.

Tudo te devo. O meu tormento,
A braza ardente do meu peito,
Tudo extinguiste num momento:
Por isso eu te amo, — e te respeito.

Novembro, 12 de 85.

FILINTO D'ALMEIDA

« NA AGUIA DE OURO »

EXCERPTO DAS MINHAS « MEMORIAS DE
ALEM DA CAMPA »

Dizem-me que este botequim ancestral e que esta hospedaria — a matriarcha das estalagens portuenses — vão ser derruidos pelo camartello e pela esquadria municipaes. Vamos, pois, cabir ao mesmo tempo no abysmo da historia eu e a hospedaria da *Agua*, que ainda conserva, com o cheiro das suas inaltraveis costelletes seculares, uns aromas primaveris da minha juventude.

Vim aqui hontem hospedar-me, aqui onde já ninguem de boa familia e fino paladar se hospeda. Vim para conversar com os phantasmas dos meus ami-

gos e commensaes de ha trinta annos. Aquartel-me na alcova que eu d'antes preferia. Aqui estão, — o mesmo leito de nogueira, as mesmas tres cadeiras de cerleira com a palhinha renovada, a mesa de páu santo com o panno verde esfarpellado e poído do atrito dos cruzados-novos, nas infandas noites de tavolagem; reconheço a banquinha de cabeceira com as suas luras de insectos, entupidas de verniz recente, e a meia commoda de vinhatico com o seu toucadar de bordel economico, a bamboar enforcado entre dois postes de Flandres pintado.

Alta noite, com a perspicacia praxista de um tabellião de notas, reconheci, de que dou fé, as mesmas pulgas observei com horror que os perseejos usavam ainda a infame gymnastico de se precipitarem sobre mim do iecto onde se tinham refugiado das rickões de terebentina applicadas com pulso gallego ás cavernas do leito.

Debaixo do meu quarto, até ao romper da alva, fizeram-se orgias baratas de cerveja de pipa. Poetas bebedos diziam sonetos elegiacos, e votavam, esmurraçando as bancas, por Victor Hugo contra Zola — um porco, diziam, que enloacava em suas novellas toda a esterqueira dos estabulos de Angias. Um poeta baudelairiano declamava as *Blasphemias* de Richepin gloriosamente como se fossem d'elle, protestando que Lamartine, o piegas, era um jesuita da peor especie, e que Victor Hugo era uma cachexia em alexandrinos. Depois, fecharam-se as portas da *brasserie* estrondosamente, pondo terramotos na velha estalagem; e os poetas no largo da Batallia, muito desequilibrados em curvetas, saudavam com zig-zags e gestos largos a Aurora, vociferando estrophes do *Firmamento* de Soares de Passos e golfos de cerveja azimada.

Eu andava então passeando no meu quarto entre os phantasmas dos meus amigos mortos, e perguntava á Providencia divina porque fizera o persevejo acrobata e o poeta aberberado nos Ideaes da cerveja de pipa.

C. CASTELLO BRANCO.

Este bello trecho inédito da inimitavel prosa de Camillo encontrámo-lo no magnifico *Diario Mercantil*, de S. Paulo, um jornal de provincia, que, em questões de letras e artes, leva as lampas a todos os jornaes da Corte.

Transcrevemol-o, *data venia*.

N. da R.

OS NOSSOS LIVROS

JULIO RIBEIRO — *Cartas sertanejas*. 1 vol. 132 pags. — Edictores Faro & Nunes.

Abre o livro pela transcripção do que a respeito de Julio Ribeiro e de suas *Cartas* escreveram Valentim Magalhães nesta folha e Henrique de Barcellos no *Correio de Campinas*.

Ha muito tempo que não se publicava no Brazil um livro tão independente, tão atrevido e tão caustico — como este.

A hypocrisia, o balfo orgulho, a ignorancia pavonina, a pedanteria respeitada irritaram, indignaram por tal modo o nervoso auctor do *Padre Belchior de Pontes* que elle um dia lançou mão da penna, como de um lâtego, e veio para as columnas do *Diario Mercantil* « dizer sem rebuço o que pensava das cousas e dos homens, » assumindo honestamente toda a responsabilidade das suas ousadias, com a sua assignatura e o verso de Virgilio, por epigraphie: *Me, me adsum, qui feci; in me convertite ferrum.*

As *Cartas sertanejas* produziram grande impressão; fizeram escandalo, ergueram de um lado, applausos entusiasticos e imprecacoes raivosas de outro lado.

Esse escriptor impetuoso e excentrico tinha o atrevimento inaudito de se declarar *sans Dieu ni maitre*, a divisa celebre do heroico Blanqui; de se collocar acima dos odios e dos despeitos como das conveniencias e dos interesses que pudessem com a sua penna assanhar e ferir.

Era um desabusado; como se costuma dizer.

Começou o seu trabalho iconclastico e rasourante pela politica paulista, por estudar o que valiam, realmente, no *frigor dos anos*, os deputados republicanos de S. Paulo.

Depois levou a sua penna—picareta ao velho mosteiro da Academia e reduziu a sciencia que lá dentro se lecciona e professa—a cacos.

Em seguida,—ou antes,—escalpellou algumas das individualidades mais celebradas e mimosas da popularidade em S. Paulo, e vimos todos, então, com pasmo e dô, de que materia prima eram formados aquellos idolosinhos:—casquinha doirada e entranhas de palha.

E' facil calcular o rumor de espanto, o côro infernal de insultos e maldicções que foi deixando aos lados e após si—essa obra estranha de illucidação e desmorroneamento.

Applaudimos—no todo—o valeroso e duro trabalho de Julio Ribeiro. São necessarios, de quando em quando, estes destemidos, estes raros heroes do «pão, pão—queijo, queijo,» que o vulgo, embora applaudindo-os, chama—doudos, para varrerem a pennadas os pataratas, os charlatães, os especuladores, todas as figuras e todas as formas do erro, do abuso, do preconceito, do mal.

Applaudimos—no todo—esta obra, dissemo-lo; e completamos o nosso pensamento, acrescentando que em varios pontos nos apartamos inteiramente do modo de pensar e de julgar do illustrado critico e philologo mineiro—paulista— («mineiro—de nascimento, paulista de educação, como diz elle proprio.»)

Um d'esses pontos,—devemo-lo declarar por imprescriptivel dever de gratidão e por justiça—é aquelle em que Julio Ribeiro, por motivos que não vem a pello indagar, trata o Dr. Lucio de Mendonça, de maneira muito inferior ao seu talento, aos seus raros dotes de escriptor e ás suas qualidades pessoases.

Em summa: as *Cartas sertanejas* constituem um livrinho que todos devem ler e guardar.

OBRAS COMPLETAS DE L. N. FAGUNDES VARELLA; 3 VOLS.—EDICTOR B. L. GARNIER.

Diga-se o que se queira ou se possa dizer contra o velho e honrado edictor B. L. Garnier, o que se lhe não poderá negar nunca é que elle, afinal, tem feito muito em prol das nossas letras.

E' verdade que tem ganho muito dinheiro com a publicação de obras nacionaes, e principalmente com as de José de Alencar, sem que os auctores hajam sido sufficientemente aquinhoados nos lucros, mas não é menos verdade que elle tem tido grandes prejuizos com outros numerosos livros, que ainda hoje entulham os depositos da mais importante das nossas livrarias, sepultados no pó e no silencio, apenas perturbado pelo trabalho manducativo das traças.

E' realmente de admirar que nestes tempos de absoluta pasnaceira litte-

raria, em que nada se publica—de litteratura, bem entendido—, em que apenas ha tempo de ler jornaes, se abalance um edictor a publicar uma obra da importancia e do tomo da que acaba de entregar ao publico o Sr. Garnier.

Graças a elle temos nós agora reunidos em 3 volumes, de 300 paginas cada um, elegante e nitidamente impressos, as obras completas d'aquelle grande poeta nosso que se chamou Luiz Nicoláu Fagundes Varella.

Precedem-n'as, abrindo o primeiro volume, um estudo do poeta, feito, ha tempo, na *Revista Brasileira* por Franklin Tavora a proposito do *Diario de Lazaro* (e que, mais tarde, appareceu em frente d'este poemeto, quando publicado em volume) e uma noticia biographica escripta por Visconti Coaracy.

Comprehende o primeiro volume:—*Vozes da America. Pendão Auriverde, Cantos religiosos e Avulsas*; o segundo:—*Cantos e Fantasias, Cantos meridionaes, Cantos do ermo e da cidade*; o terceiro—*Anchieta, ou O Evangelho nas Selvas e Diario de Lazaro*.

Importantissimo é este serviço prestado pelo Sr. Garnier á litteratura brasileira.

Desejamos que o resultado o compense das despezas feitas com a publicação d'esta obra, afin de que continue a publicar as «obras completas» de outros poetas e prosadores nossos que o mereçam. A oportunidade é excelente para tratar do desventurado poeta que escreveu o *Cantico do Calvario*. Não promettemos mas tencionamos fazel-o.

Receba o Sr. Garnier muitos parabens e agradecimentos em nome da poesia e das letras patrias.

MARCOS VALENTE.

A VICTOR HUGO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Quando eras tu no berço, ainda infante, veio embalar-te, do infinito, Deus; já te mostravas o emulo de Dante, na melopéa dos vagidos teus.

Pario a terra em ti mais um gigante da extincta geração dos Prometheus; tinhas no canto as azas de diamante e na alta frente a abobada dos céus.

Tombaste frio sobre o chão do nada despedaçando, assim, a eterna escada que até ás nuvens suspendeu Jacob;

e não deixaste sobre o abysmo um ponto—pharo de luz nas trevas do Hellesponto, que fere os astros e nos banha o pó!

Leopoldina, 13 de Junho de 1885.

AMERICCO LOBO

SPORT

Os leitores d'esta secção, devem estar contentissimos com a *Semana*. Na verdade, se elles seguirem nossos conselhos, devem ter ganho bastante nas corridas realizadas no ultimo domingo no *Prado Villa Isabel*.

Lembrem-se de que no 1º pareo apontámos *Bitter* ou *Boyardo* e ganhou este; errámos no 2º mas acertámos em todos os outros, á excepção de *Damietta* e *Phrynéa* que não correram mas que se tivessem corrido com certeza teriam sido victoriosas.

Basta-nos o prazer de ter marcado *Neva* (28\$600 de poule) *Regalia* (36\$700) e *Savana* (87\$300) para que tenha sido um dia de festa entre os que seguiram nossa opinião,

A victoria de *Boyardo* no 1º pareo (1450 metros) foi alcançada em 98 segundos, chegando em 2º logar *Douro*, que qualquer dia lembra-se de seus bons tempos e chega mesmo na frente.

Nicoafi não tomou parte no 2º pareo, porque foi considerado com mais de tres annos, cabendo a victoria a *Sibylla* que fez os 1450 metros em 96 segundos.

Talisman bateu com facilidade *Bayocco* em 1600 metros, gastando 104 segundos e trazendo muita sobra.

No 4º pareo (1600 metros) *Sylvia II* venceu *Curubaid* em 104 segundos; foi pena que *Phrynéa* se houvesse retirado.

Os 1000 metros do 5º pareo foram ganhos por *Neva* em 67 segundos, e se n'este pareo houve certa algazarra, devemos culpar alguns indiscretos que andaram com *previos cochichos*, asseverando a principio que havia *embrulho* para o proprio *Neva* e depois em favor de *Sornette*. O grande caso é que *Françoise* (que vendeu 715 poules) fez um papel de *Francisca* ou de *Franciscana*, como quizerem.

Os 1600 metros do 6º pareo foram ganhos pela egua *Regalia* em 108 segundos; mas não se flem porque em 105 segundos correu *Bayocco* o 3º pareo, tendo aliás salido atrazado uns quatro a cinco corpos.

Só temos os maiores louvores para a digna Directoria e os generosos proprietarios que, com as inscrições de seus melhores animaes, tornaram importantissimo o pareo James Luff, no qual (1000 metros) sahi vencedora *Speciosa*, em 66 segundos e montada por Jorge Luff. O povo applaudiu muito este pareo, que deu de resultado á familia do finado e honesto jockey um lucro de 1:700\$ e tantos mil reis.

No 8º pareo (1300 metros) *Savana* alcançou o posto do vencedor em 88 segundos, seguida de perto por *Crichand* que está ficando um excellente punga.

Na ultima pagina figura o magnifico programma que deve ser realizado amanhã na raia do *Derby-Club*.

Ahi vão os nossos palpites:

No 1º pareo *Nicoafi* ou *Bitter*. No 2º pareo *Comtesse d'Olonne*. No 3º *Carmen*. No 4º *Lucifer* ou *Bayocco*; como azar *Boyardo*. No 5º pareo *Boreas*. No 6º *Taillefer*. No 7º *Neva* ou *Françoise*. No 8º *Savana*.

Devem encerrar-se hoje, sabbado, ás 7 horas da noite, na secretaria do Jockey-Club, que cedeu a sala por especial favor, as inscrições para a grande corrida do dia 2 de Dezembro, organizada pelo *Hippodromo Guanabara*.

Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio da penultima pagina. Cumprimos a digna directoria pela generosa idéa de ser o 7º pareo em ibeneficio da familia do finado jockey Luff.

E' de esperar que o *Hippodromo Guanabara* tenha uma enchente egual á de sua brilhante inauguração.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Aluizio Azevedo e Emilio Rouéde tiveram noite de festa segunda-feira no theatro Lucinda, sendo representada a comedia dos mesmos intitulada—*Venenos que curam*.

O spectaculo esteve bem concorrido e os nossos distinctos collegas receberam muitos applausos.

Mlle. Rose Meryss cantou, com aquella graça que lhe é peculiar, uma linda-cançoneta denominada—*Amor de artista*, letra de Aluizio Azevedo.

Rouéde, no intervallo do terceiro para o quarto acto, pintou rapidamente, isto é, em menos de dez minutos, um bellissimo quadro que, submettido á sorte, foi cahir ás mãos do espectador que possuía o bilhete n. 521. Foi realmente um felizardo, pois além de assistir a um bom espectáculo, levou ainda um magnifico quadro decerto cubiçado por muita gente.

Na quarta feira inaugurou os seus trabalhos no Lucinda a excellente companhia Montedonio.

Deu em primeira representação a comedia em 3 actos—*Scenas Burguezas*, do escriptor portuguez Moura Cabral.

E' uma comedia ligeira, de assumpto velho, um tanto carregada, mas com algumas scenas de effeito e com situações engraçadas. E', sobretudo, muito feliz o final do 2º acto.

O actor Montedonio foi irreprehen-sivel no seu papel, e Mesquita, embora muito exagerado, soube fazer rir a platéa no seu extravagante papel de poeta chimfrim e de namorado sem ventura.

Bom typo o da Sra. Felicidade que naquella noite extreitava.

A Sra. Amelia Bellido fez correctamente o papel de Clotilde e a Sra. Julia de Lima não desagradou no de Suzana. Os outros artistas saíram-se rasoavelmente. A peça agradou em geral.

O espectáculo terminou com a comedia em 1 acto *A minha Amalia*, incomparavelmente mais bem feita do que a outra.

Ainda nesta comedia couberam a Montedonio as honras do desempenho. Este excellent artista, que em cada novo papel nos vae surpreendendo continuamente, foi admiravel de naturalidade e de graça.

Foi bem secundado por Bellido, Teixeira, Adelina e Julia de Lima.

SANT'ANNA

Neste theatro subio á scena pela primeira vez, na terça-feira da presente semana, a zarzuela em 3 actos—*Amar sem conhecer*, cuja musica dizem os cartazes ser da lavra de Barbiéri e Gaztambide e cuja traducção do hespanhol é feita por Aristides Abranches.

A peça não tem, por certo, toda a graça, toda a leveza das apimentadas operetas importadas de França para o palco do Sant'Anna; mas o que ninguem contestará é que tem um entredo bem urdido e interessante; não obstante franzir de quando em quando o sobreceño e deitar uns inexplosivos arrebancos de opera, embiocada na couraça da seriedade.

Quanto á musica, comquanto possuía bem pouca ou quasi nenhuma dose de originalidade, é bem agradável ao ouvido e tem mesmo certa belleza em alguns de seus trechos.

E' despretenciosa, facil, bonita mesmo, embora não tenha todos aquelles *tics*, todas aquellas subtilidades e saltitancias das musicas produzidas pelos Audran e pelos Planquette, e que tanto satisfazem os *habitués* do theatro onde imperam pela pilheria o Vasques e o Guilherme de Aguiar.

Quero crer que o leitor nos dará a devida desculpa se lhe não impingirmos o enredo da peça!

Os scenarios são lindos, com especialidade o do 1º acto.

Dizer que os vestuarios dos artistas nesta como nas outras operetas montadas pelo Hellar são magnificos é já uma coisa tão sabida, que repetilo deve considerar-se como pleonasmo.

Vasques esteve muito a gosto no seu papel; fez rir a bandeiras despregadas.

Foito creou um typo magnifico. Lisboa, Mattos, Mlle Delsol, Mme, Henri, Dolores e Phebo todos sahiram-se perfeitamente.

Polero cantou todos os trechos que lhe couberam, com bastante correccão.

Os demais artistas contribuíram bastante para o bom desempenho da peça, que, quero crer, por muitas noites deliciará a platéa do Sant'Anna; com quanto não pareça estar fadada para viver tanto, quanto viveu Mathusalem, segundo a opinião das escripturas.

Pelo menos, não só alguns artistas em particular como a peça em geral agradaram ao publico, a julgar pelos applausos que por vezes expludiram.

P. THALMA.

FACTOS E NOTICIAS

O illustre pintor Dr. Pedro Americo, ante-hontem, ao encerrar a sua aula, na Academia de Bellas Artes, foi alvo de uma ruidosa manifestação de apreço por parte dos seus alumnos e dos de outras aulas. Pronunciaram-se discursos, recitaram-se poesias; houve flores em profusão. Pedro Americo a todos agradecia commovido e, á sahida, ao som de muitos vivas entusiasticos, abraçou, uma por uma, a todas as pessoas que tomaram parte na manifestação.

As irmãs de caridade Anna Evarista Duarte e Maria de Jesus Tavares, que vieram ultimamente do norte do Imperio para esmolar a favor da manutenção do asylo do Crato, para orphãos, fundado pelo fallecido padre Ibiapina deixaram em nosso escriptorio uma lista para esmólas.

Convidamos a subscreverem-se nella, cada um com o que puder, todas as pessoas que se interessarem pela grande obra de caridade de que são continuadoras as nossas heroicas patricias.

Chegou ha dias do Recife, em cuja academia prestou exame do 4º anno de Direito, sendo plenamente approvado, o nosso estimado collega Luiz Murat.

ANNUNCIOS

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBARO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

Collegio Universitario Fluminense

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Eugenio Velho, logar onde nunca houve epidomia de especie alguma, funciona em edificio e com dependencias expressamente construidas para o fim a que se destina.

Deseja a visita dos interessados, tanto nacionaes como estrangeiros, da córte ou do interior.

Remettem-se prospectos pelo correio a quem os solicitar á directoria.

HIPPODROMO GUANABARA

PROGRAMMA

DA SEGUNDA CORRIDA A REALIZAR-SE NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1885

- 1º PAREO—*Nitheroy*—850 metros—Animas de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.—Entrada 15\$000.
- 2º PAREO—*Conde de Herzberg*—1.000 metros—Inteiros e eguas nacionaes até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 3º PAREO—*Progresso*—1.450 metros—Animas do paiz até meio sangue—Premios: 400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo.—Entrada 20\$000.
- 4º PAREO—*Hippodromo Guanabara*—1.800 metros—Animas de qual quer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo.—Entrada 40\$000.
- 5º PAREO—*Animação*—1.609 metros—Animas do paiz até puro sangue—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 6º PAREO—*Internacional*—1.450 metros—Animas estrangeiros até 3 annos—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo.—Entrada 25\$000.
- 7º PAREO—*James Luff*—Amadores—1.000 metros—Animas até meio sangue.—Premios: uma joia ao primeiro, outra ao segundo.—Entrada 20\$000. O producto liquido d'este pareo será em beneficio da familia de finado jockey J. Luff.

As inscrições fecham-se ás 7 horas hoje, 28 do corrente, por especial favor na secretaria do Jockey-Club.

O 2º SECRETARIO,

DR. TORQUATO DE GOUVEA,

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SETIMA CORRIDA, A REALIZAR-SE
DOMINGO, 29 DE NOVEMBRO DE 1885

A'S 11 1/2 HORAS EM PONTO

GRANDE PREMIO PROGRESSO

Primeiro pareo—SEIS DE MARÇO—1,200 metros—Animaes do paiz. até meio sangue—Premios:
400\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Douro	Alazão.....	6 annos	R. de Janeiro.	56 kilos	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
2	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	55 »	Encarnado, branco e ouro..	L. V.
3	Bitter.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
4	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	50 »	Branco e estrellas azues...	Antonio E. de Oliveira
5	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	62 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
6	Mandarim.....	Rozilho.....	3 »	Idem.....	51 »	Azul e estrellas encarnadas	Cunha Lima.
7	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	51 »	Encarnado, ouro e faxa.....	M. P.
8	Druid.....	Tordilho....	3 »	R. de Janeiro.	51 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
9	Alteza.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	55 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
10	Mascotte.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	53 »	Ouro e encarnado.....	D. A.

Segundo pareo—COSMOS—1,609 metros—Animaes de qualquer paiz—Premios : 800\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Saphira.....	Zaino.....	3 annos	França.....	47 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coud. Cruzeiro.
2	Gaudriole.....	Castanho....	2 »	Idem.....	43 »	Azul, ouro e boné azul....	Coudelaria Alliança.
3	Comtesse d'Olonne...	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Idem idem.
4	Fanfaron.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.

Terceiro pareo—EXCELSIOR—1,609 metros—Poldros e poldras nacionaes até 3 annos—Premios: 800\$ ao primeiro e 160\$ ao segundo

1	Sibylla.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	53 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Biscaia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
3	Carmen.....	Idem.....	3 »	Idem.....	40 »	Azul e estrellas cõr de ouro	E. M.
4	Dora.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Ouro e faxa.....	Freitas Guimarães.
5	Nicoafy.....	Zaino.....	3 »	Paraná.....	49 »	Encarnado e ouro.....	M. P.

Quarto pareo—GRANDE PROGRESSO—2,400 metros—Animaes do paiz até meio sangue—Premios: 2:000\$ ao primeiro e 400\$ ao segundo

1	Principe Alberto.....	Zaino.....	7 annos	Paraná.....	52 kilos	Branco e azul.....	J. Guimarães.
2	Douro.....	Alazão.....	6 »	R. de Janeiro.	52 »	Verde e ouro.....	J. L. da Costa.
3	Boyardo.....	Idem.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Branco e estrellas azues...	M. P.
4	Regalia.....	Vermelho....	5 »	Idem.....	49 »	Encarnado e ouro.....	Coud. Confiança.
5	Bayoco.....	Castanho....	4 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Guanaco.....	Alaz. tostado.	9 »	Paraná.....	52 »	Vermelho.....	Coud. Rio Grandense.
7	Lucifer.....	Vermelho....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e palha.....	J. P.

Quinto pareo—DERBY-CLUB—1,750 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 1,000\$ ao primeiro e 200\$ ao segundo

1	Sylvia II.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
2	Talisman.....	Idem.....	6 »	Idem.....	54 »	Azul, branco, enc. e faxa...	Idem idem.
3	Boreas.....	Castanho....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Jaguary.....	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Enc. branco e ouro.....	L. V.

Sexto pareo—RIO DE JANEIRO—2,400 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios : 1:200\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Nand.....	Zaino.....	4 annos	Inglaterra....	47 kilos	Setim branco e manc. pretas	M. U. Lemgruber.
2	Taillefer.....	Idem.....	4 »	França.....	52 »	Enc. e mangas azul claro....	Coud. Americana.

Setimo pareo—LEMGRUBER—1,000 metros—Poldros e poldras estrangeiros até 3 annos, que não tenham ganho no Derby—Premios: 500\$ ao primeiro e 120\$ ao segundo

1	Gaudriole.....	Castanho....	2 annos	França.....	46 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Sornette.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul e estrellas encarnadas	Coudelaria Paraizo.
3	Françoise.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Neva.....	Castanho....	2 »	Idem.....	47 »	Verde e amarello.....	Coud. Independencia.
5	The Witch.....	Alazão.....	3 »	Inglaterra....	50 »	Branco e encarnado.....	R. V.

Oitavo pareo—E. F. D. PEDRO II—Handicap—1,450 metros—Animaes de qualquer paiz, de menos de meio sangue—Premios: 300\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

1	Verbena.....	Castanho....	3 annos	R. de Janeiro.	49 kilos	Azul e encarnado.....	Freitas Guimarães.
2	Savana.....	Idem.....	4 »	R. G. do Sul..	55 »	Branco e verde.....	C.
3	Crichand.....	Chita.....	6 »	Paraná.....	54 »	Vermelho.....	J. da Rocha Franco.
4	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	70 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança
5	Arenas.....	Douradillo..	5 »	Rio da Prata.	49 »	Branco e encarnado.....	J. P.
6	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Rosa e ouro.....	P. S.
7	Bella Yayá.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul e encarnado.....	Coud. Amalores.
8	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Minas-Geraes	49 »	Azul e estrellas encarnadas	J. F. Vaz.
9	Conde.....	Castanho....	6 »	Paraná.....	53 »	Encarnado e branco.....	A. M.
10	Serodio.....	Idem.....	5 »	R. G. do Sul..	53 »	Ouro e encarnado.....	J.
11	Bisão.....	Zaino.....	5 »	Rio da Prata.	49 »	Verde e amarello.....	Coud. Campista.
12	Fils du Diable.....	Tordilho....	5 »	Idem.....	51 »	Grenat e ouro.....	Coud. Rio de Janeiro.

NOTA.—Pede-se aos Srs. proprietarios de animaes inscriptos no primeiro pareo o obsequio de os apresentarem no prado ás 10 1/2 horas da manhan, em ponto.—A. CESAR LOPES 2º secretario.